



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA LIDIANE CARDOSO FRANCISCO

**PRÁTICAS DE ORALIDADE E ESCRITA NO ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES A PARTIR DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO – EJA/MÉDIO.**

**GUARABIRA – PB
2014**

MARIA LIDIANE CARDOSO FRANCISCO

PRÁTICAS DE ORALIDADE E ESCRITA NO ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES A PARTIR DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO – EJA/MÉDIO.

Artigo apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, Campus III, como pré requisito para
obtenção do título de graduada em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F797p Francisco, Maria Lidiane Cardoso
Práticas de oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa
(manuscrito) : reflexões a partir do estágio supervisionado -
EJA/médio / Maria Lidiane Cardoso. - 2014.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades. 2014.
"Orientação: Juaraz Nogueira Lins, Departamento de Letras e
educação".

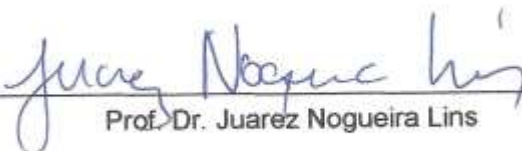
1. Práticas de oralidade. 2. Língua portuguesa. 3. Práticas de
escrita. I. Título.

21. ed. CDD 372.41

FOLHA DE APROVAÇÃO

O artigo "Práticas de oralidade e Escrita no Ensino de Língua Portuguesa: Reflexões a partir do estágio supervisionado – EJA/MÉDIO", da autora Maria Lidianne Cardoso Francisco, foi apresentado no dia 07/03/2014, obtendo nota: 8,0 (oit).

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins


Prof. Ms Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins


Prof. Mestrando Antonio Flavio Ferreira Oliveira

Dedico este trabalho a Deus, que com sua infinita bondade permitiu que eu chegasse até aqui, aos meus carinhos e dedicados pais, aos meus dois amores, esposo e filho, que, mesmo com suas poucas letras, simplesmente confiaram em mim...

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores, familiares e amigos, pois me deram (in) diretamente força para continuar meu sonhado trabalho de pesquisa e reflexão.

Ao Pai universal, Deus, meus devotos agradecimentos pela saúde, confiança, persistência... e vitória!!!

Aos professores (as), sem eles eu não seria hoje, professora.

RESUMO

O presente trabalho intitulado de Práticas de oralidade escrita no ensino de língua portuguesa: reflexões a partir do estágio supervisionado - EJA/MÉDIO, buscou discutir a importância que procedimentos discursivos de oralidade e escrita podem desempenhar nas atividades de ensino e aprendizado da Língua Portuguesa. E, ainda, apresentou as relações que se estabeleceram entre as duas modalidades em questão (oral e escrito), levando o aluno a compreender que o uso da língua é legitimado de acordo com as intenções, interlocutores envolvidos e aos contextos em que são enunciados. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica amparada por elementos da observação da prática docente de língua portuguesa e surgiu a partir da minha experiência do estágio supervisionado na escola básica. Como suporte teórico algumas contribuições de Irandé (2003), PCN (1998), Geraldi (2006), Marcuschi (2000) entre outros. Conclui-se que estratégias de ensino tradicionais, ainda presentes nas escolas, atribuem maior valor ao texto escrito, ignorando o fato de que, a fala e a escrita apresentam os mesmos traços, porém, a diferença entre às mesmas, ocorrem precisamente na perspectiva do uso. As escolas ainda se ressentem de estratégias voltadas para a oralidade, sendo necessário instrumentalizar os professores para que não se crie um fosso entre a língua oral e a língua escrita.

Palavras-Chave: Oralidade e Escrita – Língua Portuguesa – Ensino.

ABSTRACT

The present study titled practices oral written in Portuguese language teaching: reflections from supervised training - EJA / MEDIUM, sought to discuss the importance of discursive procedures of orality and literacy can play in teaching and learning the Portuguese language. And it still had the relationships established between the two modes in question (oral and written) , leading the student to understand the use of language is legitimized in accordance with the intentions , partners involved and the contexts in which they are presented. It was a literature search supported by elements of the observation of teaching practice of English language and came from my experience of supervised internship in elementary school. Theoretical support some contributions from Irandé (2003), NCP (1998), Geraldi (2006), Marcuschi (2000) among others. We conclude that traditional teaching strategies, still present in schools, give more value to the written text, ignoring the fact that speech and writing have the same traits, however, the difference between the same, occur precisely in view of the use. Thus, it is meaningless to speak of an idea only as a place of spontaneity, nor on the other hand, the idea of a uniform, unvarying written in any circumstance.

Key words - Portuguese Language - Teaching Orality and Writing

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. ORALIDADE E ESCRITA, CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.	10
2. ORALIDADE E ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	13
3. PRÁTICAS DE ORALIDADE E ESCRITA NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSOR ANTÔNIO BENVINDO	16
3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	16
3.2. AS PRÁTICAS DE ORALIDADE E ESCRITA NA ESCOLA PROFESSOR ANTONIO BENVINDO – ANÁLISES	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

Vivemos em tempos modernos e ainda encontramos nas escolas, na maioria das vezes alunos dentro de um contexto educacional deficitário em que não são exploradas devidamente as potencialidades desses educandos: fala e escrita, ou seja, a exploração da oralidade e também da escrita, e não apenas desta última. O aluno chega à escola com determinado conhecimento desses modelos, mas muitas vezes não lhe é exposto, a reflexão sobre o processamento de cada uma dessas modalidades.

Dentre outros vários fatores que abrangem a educação e seus problemas, o que chamou à atenção nas aulas foi à questão da oralidade e da escrita, pois nas aulas observadas verificou-se que há poucas metodologias voltadas para o ensino da oralidade, uma vez que a LDB(1996), e os PCN(1998), apontam para um ensino inclusivo, democrático e de qualidade em que deve conceber a fala como meio de respeitar a integridade da língua, já que se esta se constitui pela oralidade e pela escrita, e não apenas por uma modalidade, que muitas vezes, é vista como a mais importante. Para evitar isso, se faz necessário ampliar a dedicação ao ensino da oralidade, dando a ela, o mesmo tratamento que é dado ao da escrita, já que ambos contribuem igualmente para a construção da competência discursiva do educando. (IRANDÉ, 2003, p.122).

Resolveu-se então, amparada em leituras de Geraldi (2006), Marcuschi (2000), Fávero (2007) e outros autores que destacam esta inter-relação entre o oral e o escrito na sala de aula de língua portuguesa trazer à tona essa discussão. Desse modo, nosso objetivo geral foi discutir a interconexão entre a oralidade e a escrita na sala de aula de língua materna, na escola básica. E, como objetivos específicos, destacar a aplicação de atividades orais/escritas, já existentes nas salas de aula e, indicar possibilidades de se trabalhar essas duas modalidades da língua, de forma produtiva.

O artigo foi desenvolvido em três tópicos, para maior esclarecimento da temática abordada. No primeiro tópico, traz à luz algumas considerações gerais sobre oralidade e escrita – proposições teóricas de autores consagrados na área. No segundo tópico aborda o trabalho com oralidade e escrita nas aulas de língua portuguesa – como essa relação acontece, as dificuldades e

possibilidades. E no terceiro, trazemos a questão para a escola em que realizamos o estágio supervisionado em Letras – língua portuguesa – na escola Professor Antonio Benvindo, em Guarabira/PB. Iniciemos então, com as considerações sobre oralidade e escrita.

1. ORALIDADE E ESCRITA, CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.

Tradicionalmente, a língua escrita tem sido vista e pensada como uma representação gráfica, ou uma transposição da oralidade. Gnerre (1978) apud Geraldi (2006), entretanto, diz que “escrever nunca foi e nunca vai ser a mesma coisa que falar. São operações mentais diferentes, uma operação que influi necessariamente nas formas escolhidas e nos conteúdos referenciais. A escrita é o resultado histórico indireto de oposição entre grupos sociais que eram e são usuários de uma certa variedade” Grupos que se dividem entre a coloquialidade (lugar do erro) e a norma, esta, mais próxima da escrita.

Ainda segundo o autor, no mesmo sentido, defende que do ponto de vista de sua aprendizagem, a língua escrita e a língua oral apresentam dificuldades de natureza distinta. Mas uma complementa a outra, cumprindo certas atribuições que se situam além das propriedades inerentes a esta. A escrita achou-se e acha-se profundamente marcada pela sua assimilação por parte de camadas sociais que, por condições de privilégio, mais a manipulam e guarda, não por essência, mas por razões estratégicas, marcas dessas mesmas camadas. Osakabe (1982) apud Geraldi (2006).

Escrever é, assim, ascender socialmente. Dá status. Escrever dentro de certa modalidade, mais formal, dá ainda mais status. Essa não é uma relação mecânica, consciente, mas que subjaz à produção de texto escrito em interlocução social. Não é à toa que seja na carta o lugar onde o locutor usa um discurso mais frouxo e descomprometido. Afinal, seu interlocutor normalmente, não exige mais que compreensibilidade; não julga, não valora a linguagem.

Seria difícil, portanto, pensar que um texto produzido nas condições em que o é a redação escolar possa fundar-se em procedimentos de mera transferência de estruturas de oralidade. A própria natureza do discurso oral não permitiria uma transferência completa, uma vez que a perda de certos

recursos, como a entonação e a ênfase, próprios do discurso oral, obriga, na escrita, o locutor a recrutar outros que deem conta desses fenômenos.

A relação que existe entre oralidade e escrita é pauta para pesquisas de diversas naturezas. Essa relação foi entendida por muitos autores, como se fosse um confronto de ideias, ou até mesmo uma relação de oposição. Assim afirma Marcuschi (2000), discordamos desse posicionamento e consideramos que existe uma relação entre elas de ordem social e cognitiva. Trata-se de duas modalidades distintas de prática social e estabelecem entre si um vínculo de cooperação e continuidade, e não de oposição, dessa maneira, o indivíduo estabelece entre si e seu meio social um vínculo que passa pela mediação da linguagem oral.

A fala ou oralidade possui, portanto, um papel a ser desempenhado no desenvolvimento dos processos psicológicos que exigem maior elaboração por parte do aprendiz. É nela que se manifestam os primeiros indícios de progresso antes do sucesso da execução de uma tarefa. Na escrita os processos psicológicos são desenvolvidos de maneira mais consciente que na oralidade.

Tanto a oralidade como a escrita, socialmente falando, prestam-se ao exercício da interação, pois na perspectiva cognitiva, temos que a escrita depende da fala para desenvolver-se, na perspectiva social, elas são vistas como práticas distintas e complementares, e não concorrentes. Hoje sabemos que tanto uma como a outra acertam diversas variações linguísticas determinadas pelas condições de produção, que se refletem nas estratégias que o enunciador elege como ideais ou adequadas para que seus objetivos com o texto sejam alcançados.

A língua escrita não é mera transcrição ou reprodução da fala, desse modo não escrevemos exatamente como falamos ou vice e versa. A escrita é uma representação da fala, que possui regras próprias de realização, que interage com a fala e completa-se. A língua falada apresenta grande variedade de realizações, algumas mais próximas da linguagem padrão, outras, menos prestigiadas, socialmente estigmatizadas. Na fala temos o interlocutor presente, demonstrando linguagem oral, facial, entonações diferenciadas, enquanto na escrita, o interlocutor (que não está presente) é levado a usar outros recursos como pontuação e acentuação gráfica, além de outros. Tais

recursos são tentativas de reproduzir e representar artificialmente, o que é possível ser feito naturalmente na linguagem falada.

A oralidade também nos permite tratar de vários assuntos ao mesmo tempo sem sermos redundantes, pois, os artifícios usados na fala nos permitem compreender a fala do outro, sem que haja comprometimento do raciocínio, já na escrita, preferencialmente, o texto deve ser enxuto e conciso, tratando do mesmo assunto, do início ao fim, para que não se afete a sequência textual. Podemos então concluir que, embora nas duas o sistema linguístico seja o mesmo para a construção das frases, “as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados, são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferenciados”. (MARCUSCHI, 1986, pag., 62).

Historicamente a escrita, sobretudo a literária, sempre foi considerada a verdadeira forma de linguagem, e a fala, instável, não podendo construir objeto de estudo. Esses estudos, porém não resultam em comparação entre fala e escrita, acentuando a especificidade de cada uma, mas a primeira é vista como a primária e a segunda, como dela derivada. É assim que encontramos em autores deste século citados por Fávero (2007) *et al.*

- Sapir: “a escrita é o simbolismo visual da fala” (1921, p.19);
- Bloomfield: “a escrita não é a linguagem, mas uma forma de gravar a linguagem por marcas visíveis” (1933, p.21);
- Fillmore: “a comunicação escrita é derivada da norma conversacional face a face” (198, p.153);
- Mattoso Câmara: “a escrita decorre da fala e é secundária em referência a esta” (1969 p.11).

Diante das definições citadas acima pelos estudiosos da língua, percebe-se que, apesar de utilizarem discursos diferentes, apontam para uma mesma seta, afirmam a importância da oralidade dentro do uso da língua e indicam a escrita como um processo simbólico que concretamente é utilizado de forma a visualizar a linguagem falada, sem sobrepor uma modalidade a outra.

Também nossas gramáticas tratam as relações entre fala e escrita tendo como parâmetro a língua escrita. Esse fato tem gerado uma postura polarizada e, por vezes, preconceituosa. Segundo Marcuschi (1998, p. 63), “os gramáticos imaginam a fala como o lugar do erro, incorrendo no equívoco de confundir a língua com a gramática codificada”. Parece consenso que a língua falada deve

ocupar um lugar de destaque no ensino de língua. A motivação para que essa modalidade seja trabalhada com tal relevo se dá, de um lado, porque o aluno já sabe falar quando chega à escola e domina, em sua essência, a gramática da língua. Por outro lado, a fala influencia sobremaneira a escrita nos primeiros anos escolares, principalmente no que se refere à representação gráfica dos sons. Como diz Biber (1988) apud Fávero (2007):

Certamente em termos de desenvolvimento humano, a fala é o status primário. Culturalmente, os homens aprendem a falar antes de escrever e, individualmente, as crianças aprendem a falar antes de ler e escrever. Todas as culturas fazem uso da comunicação oral; muitas línguas são ágrafas. De uma perspectiva histórica e da teoria do desenvolvimento, a fala é claramente primária (BIBER, 1988, p.8).

Nessa perspectiva, o ensino da oralidade não pode ser visto isoladamente, sem relação com a escrita, pois elas mantêm entre si relações mútuas e intercambiáveis, tendo em vista que a questão não é falar certo ou errado e sim, saber que forma de fala utilizar, considerando o contexto de comunicação, sabendo adequar-se à diferentes situações comunicativas.

Diferenças a parte, a fala e a escrita apresenta os mesmo traços: dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade. As diferenças entre as duas modalidades ocorrem precisamente na perspectiva do uso e não como características intrínsecas. Exemplos desse uso podem ser observados: em uma conferência na modalidade oral e um artigo científico na modalidade escrita. No item seguinte, discutiremos a relação oralidade x escrita na aula de língua portuguesa.

2 – ORALIDADE E ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Considerando-se que a sala de aula deve ser um espaço de debate permanente, o trabalho com a oralidade deve voltar-se, sobre tudo, para a busca da clareza na exposição das ideias e na defesa de ponto de vista, assim o aluno terá oportunidade de desenvolver seus conhecimentos discursivos e linguísticos, aprendendo a expressar-se adequadamente nas diferentes situações de interação social e se adequando também as variedades

linguísticas ao contexto de comunicação. A escola por sua vez, deverá proporcionar ao aluno a oportunidade de conviver com a grande variedade de usos da língua e de compreender que ela não é homogênea, monolítica, mas apresenta diferentes níveis nas duas modalidades (escrita e falada), do mais coloquial ao mais formal.

Os PCN's de Língua Portuguesa (1998), abrem espaço para a inclusão de questões de oralidade em sala de aula, entretanto, poucos são os trabalhos que apresentam uma discussão quanto à aplicação ao ensino. Para tratar da oralidade em sala de aula, os conhecimentos em torno do conceito de língua falada e de língua escrita não são suficientes, "é preciso que o professor disponha de subsídios em relação às especificidades dos textos que circulam na sociedade em domínio discursivos determinados, com o jornalismo, o acadêmico, o religioso, o jurídico etc. para que reconheça como se instaura o processo de produção e de qual (ou quais) unidade(s) de análise pode fazer uso para um estudo efetivo" (ANDRADE et al, in ELIAS, 2011,p.25).

Desse modo, o próprio aluno poderá reconhecer que a questão não é falar "certo" ou "errado", e sim saber o que utilizar, de acordo com as características do contexto de comunicação, ou seja, saber se adequar às diferentes situações comunicativas, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.59). Com tudo é papel da escola oferecer ao aluno a chance de aprender a coordenar satisfatoriamente o que falar e como falar, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. Atividades que levam o aluno a transformar textos falados em textos escritos ou a observar a organização de textos das duas modalidades são estratégias eficientes para que ele compreenda o funcionamento da língua, e assim, desenvolva adequadamente os processos discursivos de oralidade e escrita, necessários para continuar aprendendo e para participar das práticas sociais que envolvem esses conhecimentos.

Assim a linguagem escrita não pode ser definida como um conjunto de propriedades formais, invariantes e distintas da língua falada. Na verdade, as duas modalidades correlacionam os seus recursos expressivos do mesmo sistema gramatical e podem expressar as mesmas intenções.

Não se propõe aqui, que se abandone na sala de aula a descrição gramatical, ou seja, não apresente ao aluno questões sobre classificação das

palavras e orações, funções gramaticais. O que se quer dizer é que, essa tarefa se torna mais fácil se os alunos estiverem habituados a manusear a própria linguagem, pois, o foco dirige-se aos aspectos mais importantes do aprendizado gramatical, que consiste no domínio efetivo e no uso adequado das várias modalidades de construção e transformação das expressões linguísticas na atividade de produção do texto, oral ou escrito.

Então a linguagem deixa de ser vista como mera verbalização e passa a ser incorporada, nas análises textuais, a observação das condições de produção de cada atividade interacional, pois para os estudos da língua falada, torna-se fundamental analisar como se instaura a conversação, ou seja, a fala contextualizada, em interação face a face ou em falas individuais, preferencialmente gravadas, para se verificar o funcionamento da língua viva em pleno uso, sobretudo por possibilitar o acolhimento das variantes linguísticas que chegam à escola.

Com base nos PCN, é proposto que o conteúdo de Língua Portuguesa seja articulado em torno de dois eixos básicos: Os usos da língua oral e escrita e o da reflexão sobre a língua e a linguagem, cujos fundamentos teóricos são de base linguística e não gramatical. As propostas desse documento são, em síntese, as seguintes:

- O texto - oral e escrito - deve ser a unidade básica para o ensino de língua materna;
- A atividade de ensino da língua deve concentrar-se na produção de textos orais e escritos e na escuta de textos orais e compreensão de textos escritos em seus mais diversos aspectos e gêneros;
- A linguagem tem de ser compreendida em seu aspecto interlocutivo ou dialógico, quando se trata da produção de textos orais;
- A variação linguística (modalidades, variedades e registros) deve ser apresentada de modo claro e objetivo;
- A organização estrutural dos enunciados, o léxico e as redes semânticas, o processo de construção de significação e o modo de organização dos discursos devem ser desenvolvidos didaticamente, tendo em vista as necessidades dos alunos;
- O contexto interacional escolar deve concorrer para que o aluno seja um usuário competente da linguagem e capaz de adequá-la em instância pública dialógica diversificada e complexa, a qual envolve inúmeras situações do exercício da cidadania sujeitas a avaliações;
- A escola deve assumir para si a tarefa de promover a aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta de textos orais em contextos públicos dos mais variados.

Diante das propostas desse documento, nosso intuito é manter o foco no que diz respeito ao texto como unidade básica da língua, significando que o

ensino não deve partir de segmentos descontextualizados como palavras, frases ou sentenças, ao contrário deve-se considerar a perspectiva do conjunto que compreende texto como evento discursivo, de modo que sua função central não seja apenas de caráter informativo e fazer da escola o lugar em que o ensino da língua se consolide e desenvolva as competências linguísticas interlocutivas, de maneira que possam interagir em diversos meios sociais, que exigem constantemente uma grande variedade de gêneros orais e escritos, valorizando a produção e a análise do texto oral, tanto quanto a do escrito, de diversas perspectivas teóricas.

Para que realmente aconteça mudança em nossas aulas de Português, ou seja, o ingresso do trabalho com o oral, é preciso que o docente domine teorias e práticas que lhe permitam refletir sobre o ensino da língua materna, considerando as noções de variação e mudança, isso vai tornar possível a compreensão de que, ao contrário do estudo de base gramatical, o de base linguística observa a língua em uso, verificando realmente como a língua é, e não como deve ser.

3 – PRÁTICAS DE ORALIDADE NA ESCOLA PROFESSOR ANTONIO BENVINDO

3.1 – CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PROFESSOR ANTONIO BENVINDO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo, na qual prestei o Estágio Supervisionado II, de Observação localiza-se na Rua Napoleão Laureano, 576, Bairro Novo, Guarabira, PB. O responsável pela gestão é o Diretor José Aldenir da Costa Freire.

Quanto ao espaço físico disponível na escola existem 11 salas de aula, 01 sala de direção, 01 sala de vídeo, 01 biblioteca, 01 cantina e 02 banheiros.

O corpo docente é formado por 32 professores, todos graduados. A escola também possui 05 secretários, 02 digitadores, 01 inspetor, 01 supervisor, 02 coordenadores pedagógicos, 01 Supervisor da EJA, 04 vigias e 02 merendeiras.

A escola apresenta uma clientela de 320 alunos, sendo que destes, 162 são alunos frequentadores da EJA no turno da noite.

As salas de aulas (1º e 2º anos EJA) onde aconteceu a observação do estágio supervisionado II, eram amplas, possuíam janelas, quadro de giz, e carteira suficientes, mas, eram velhas e desconfortáveis.

A turma do 1º ano EJA possui 30 alunos, E a turma do segundo ano EJA possui 28, durante o ano houve algumas desistências. Na clientela predomina o sexo feminino e a faixa etária varia entre 17 e 45 anos. A sala de aula encontra-se em bom estado de conservação.

Como se percebe, o ambiente descrito corresponde aquilo que comumente se diz da escola pública brasileira, com algumas exceções. A escola, mesmo com sua precariedade em algumas áreas, segue desenvolvendo o seu projeto de ensino e, resistindo às dificuldades, ajuda a construir novos rumos para aqueles que juntamente com a escola, também resistem.

3.2 – PRÁTICAS DE ORALIDADE E ESCRITA, NA ESCOLA PROFESSOR ANTONIO BENVINDO: ANÁLISES

Diante do estudo abordado sobre oralidade e escrita, trago presente minha experiência do estágio supervisionado do curso de letras, pois, essa perspectiva de analisar a língua em uso é de fundamental importância, descrevendo e analisando as aulas observadas, a fim de que possa mostrar com essa pesquisa a importância dessas duas modalidades em pauta (oralidade e escrita), e os benefícios que às mesmas podem trazer para o ensino da língua portuguesa, se assim for calcada através dos princípios requisitados e fundamentados nesta pesquisa.

Para que se realizasse o estágio supervisionado II, de observação foram propostas as seguintes metodologias: aulas presenciais na universidade UEPB/CH, Guarabira, sob a orientação do professor de estágio Juarez Nogueira Lins, onde recebemos todas as orientações adequadas e precisas, para irmos a escola campo. A observação consta de dez horas aulas, e há novamente um encontro na universidade em que alunos e o professor orientador discutem como foi a observação, e o professor orientador pede aos alunos que façam o relatório sobre o estágio.

Devido a outras observações, as expectativas não eram das melhores, pois no decorrer dos estágios, me deparei com situações difíceis de contornar, no que se diz respeito ao comportamento pessoal na sala de aula, onde a indisciplina e o desinteresse predominavam.

Mas, para a minha surpresa e satisfação, tudo aconteceu de maneira muito agradável. Meu estágio teve início no dia 12 de setembro de 2012 e término no dia 26 de setembro de 2012, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Benvindo, em que, por sinal fui bem recebida pela professora de Língua Portuguesa. Observei dez horas aulas nas turmas de 1º e 2º anos de EJA – Médio, que para minha surpresa eram alunos interessados e disciplinados, e um silêncio pairava na sala de aula. A professora mantinha a disciplina e a interação com os alunos, resultando uma boa aula discursiva, onde surgia um debate entre professor e alunos, todos liam e participavam espontaneamente.

No decorrer das aulas observadas fiquei muito feliz, pois percebi que já existem professores fazendo a diferença, pois lá, na sala de aula, presenciei a professora colocando em prática, de modo contextualizado assuntos que são discutidos em nossas aulas na universidade. Por isso torno a dizer, o professor é a peça fundamental para que haja a mudança no ensino de Língua Portuguesa.

Os conteúdos abordados nas turmas acima citadas foram: Revisão de Sujeito, plural dos substantivos, análise da obra Menino de engenho de José Lins do Rêgo, onde aconteceu a contextualização entre os conteúdos e a realidade (comparação com novelas e outros textos literários atuais), biografia do autor, produção de texto, exercícios orais e escritos, opinião dos alunos sobre a obra.

A metodologia utilizada pela professora de língua portuguesa era sempre de aulas expositivas e dialogadas deixando clara a interação entre professor e aluno e, com o espaço sempre aberto para dúvidas e discussões, resultavam num ambiente aconchegante de participação de todos os alunos em que o interesse e a vontade de aprender predominavam.

Apesar de nas aulas não serem utilizados recursos tecnológicos, apenas o quadro de giz, lápis e papel, fica claro que acontece o processo de ensino

aprendizagem, pois, tanto o professor quanto os alunos, deram o melhor de si para cumprirem sua parte no sistema educacional.

Retomo neste momento a discussão sobre a oralidade e escrita no ensino da língua e passo a descrever uma das estratégias utilizadas pela professora na sala de aula, envolvendo a oralidade e a escrita:

Plano de aula:

03h/aula

Tópico: classificação do sujeito

Objetivos específicos:

Classificar e diferenciar os diferentes tipos de sujeitos;

Compreender a diferença entre o sujeito gramatical e o sujeito social.

Recursos didáticos: quadro, giz, lápis, papel

Estratégias didáticas:

- Exposição do conteúdo no quadro
- Solicitação aos alunos para compor um texto em que eles se descreviam
- Solicitação aos alunos para que eles se apresentassem, aos demais e ao professor, a partir da produção escrita.

Estratégias de avaliação:

- Produção escrita – originalidade e clareza na produção
- Produção oral – desempenho individual

Percebe-se aqui que o plano de aula envolve a concepção do oral e do escrito, como prática discursiva inserida numa prática social, em que envolve seus respectivos interlocutores apresentando interacionalidade e o funcionamento da língua em uso. A professora, a partir dos objetivos definidos, destacou não apenas o gramatical, o que daria margem ao escrito: cópia no caderno dos tipos de sujeito, algum exercício e se cobraria o resultado em um teste. Provavelmente, o aluno esqueceria o conceito, a classificação e, principalmente o que é ser sujeito na sociedade. A partir do momento em que a professora exercitou a oralidade, e não apenas a escrita, os alunos tiveram voz, se mostraram sujeitos, e em que tipos de sujeitos se enquadrariam. É interessante frisar também nesse momento as relações entre oralidade e escrita, as duas foram importantes, pois embora cada uma tenha suas especificidades, não existem diferenças essenciais, nem grandes oposições. Os alunos utilizaram as duas modalidades, para compreender o que significava ser sujeito, e que tipos de sujeitos, houve interação entre conteúdos e sujeitos.

A partir das descrições das aulas citadas, torna-se necessário ainda, dar ênfase a outras estratégias, no que diz respeito a oralidade e escrita, utilizadas pela professora nas aulas observadas. Observemos mais um plano de aula:

Plano de aula:

03h/aula

Tópico: Análise do livro: Menino de engenho - José Lins do Rego

Objetivos específicos:

Transformar o texto oral em texto escrito;

Diferenciar dentro do texto marcas das modalidades oral e escrita.

Recursos didáticos: quadro de giz, lápis e papel.

Estratégias didáticas:

- Exposição oral do conteúdo;
- Solicitação aos alunos para escolher um trecho do texto, para retextualização e transcrição;
- Solicitação aos alunos para apresentar as diferenças encontradas dentro das modalidades oral e escrita.

Estratégias de avaliação:

- Produção escrita: Coerência e coesão
- Produção Oral: Reflexões e debate a partir das diferenças encontradas no texto.

Este plano de aula envolve as duas modalidades (oral e escrita), trazendo presente suas relações e diferenças, e o conteúdo abordou ambas as modalidades da mesma forma, dando ao aluno o privilégio da interação, e o poder de verificar as prováveis diferenças entre o texto oral e o texto escrito, facilitando assim, seu desempenho como falante e também no sentido de evitar as possíveis marcas da oralidade no seu texto escrito, quando elas não forem convenientes, ou vice e versa.

Temos nesse sentido a seguinte afirmação de Irandé (2003, p.43) “Uma e outra servem à interação verbal, sob a forma de diferentes gêneros textuais, na diversidade dialetal e de registro que qualquer uso da linguagem implica”.

Nesta análise torna-se necessário destacar alguns fatores:

É interessante enfatizar sobre a oralidade um fator muito importante presente nas aulas, que são os encadeamentos de tópicos, elementos reiterativos ou conectores (repetições, substituições pronominais, substituições por sinônimos, associações semânticas entre palavras, conjunções). A análise de textos em sala de aula será relevante se contemplar também tais elementos, fortalecendo a ideia de que a oralidade também está sujeita aos princípios da textualidade. Devemos ter cuidado para não criar falsas ideias de

que a oralidade se opõe à escrita, é fundamental que o professor saiba dar destaque aos pontos formais e funcionais em que os textos orais e os textos escritos são diferentes. Por isso, o exercício de passar do oral para o escrito, pode ser bastante produtivo nesse caso.

Podemos analisar ainda que os textos orais, assim como os escritos, também ocorrem sob a forma de variados tipos de gêneros, dependendo do contexto em que acontecem, são bem diferentes, a conversa coloquial, o debate, a explicação, o elogio, a crítica, a advertência, o aviso, o convite, o recado e assim por diante. Porém, planejar e realizar essas formas de atuação verbal requer competências que o professor precisa ajudar os alunos a desenvolver, para que os mesmos saibam adequar-se às condições de produção e de recepção dos diferentes eventos comunicativos.

São essas ações que nos levam a tomar decisões no decorrer da interação, sendo capaz, Por exemplo, de participar respeitando a vez de falar e de ouvir, de fazer exposições orais, argumentar uma ideia, de narrar experiências e diversas situações, em fim de ajustar-se às diversas variedades de situações da interação verbal e de saber usar as distintas estratégias argumentativas típicas dos discursos orais. É importante dentro dessas variedades que o professor tenha o cuidado e firmeza pra não aceitar qualquer atitude discriminatória, seja de quem for, em relação às falas desprestigiadas.

É de grande importância ressaltar, ainda nesta análise, o enfoque em a professora orientava os alunos sobre a questão de reconhecer o papel da entonação, das pausas e de outros recursos na construção do texto oral, que em muito contribuem para construção do sentido e das intenções pretendidas, explorou também a função de certas expressões fisionômicas e recursos de representação cênica, os quais funcionam, de forma muito significativa, como elementos para a interação verbal. Então, não há interação se não há ouvinte, nas atividades em sala de aula, o professor bem que poderia desenvolver nos alunos a competência para saber ouvir o outro, escutar, com atenção, o que ele tem a dizer, que por sinal é uma prática socialmente tão relevante, mas, pouco estimulada.

A escola por sua vez, não pode deixar de dar suas orientações nem de explorar as expressões próprias de um comportamento linguístico polido se pretende desenvolver a competência comunicativa dos alunos.

E como se vê, há muito a se fazer nas aulas de português, pois esta análise supõe saberes e conteúdos, o que significa dizer que esses saberes podem e devem ser discutidos em sala de aula, com apoio de textos e de reflexões consistentes. Com base nesse ponto, pode-se prever que vai faltar tempo para decorar regras e nomenclaturas, pois há outras competências mais urgentes esperando pela vez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colocando em evidência os diversos aspectos apresentados sobre o estágio supervisionado II de observação, posso dizer que foi muito satisfatório, pois resultou num processo amplo de análises e aprendizagem, como futura docente. Em primeiro lugar porque me mostrou como está a situação educacional atual, onde pude fazer comparações, devido a outros estágios, e a oportunidade de analisar com mais precisão a questão do ensino da Língua Portuguesa nas escolas públicas, pois, se em algumas escolas ainda ocorre uma tradicional forma de ensino da língua, com regras prontas descontextualizadas, e que privilegiam a escrita em detrimento da oralidade, para a nossa felicidade já existem também escolas que ao contrário do só tradicional, contextualizam essas regras e abrem espaço para a discussão, para que os alunos exercitem a oralidade, como pudemos perceber na análise descrita.

Com estas reflexões, busca-se enfim, ressaltar que, no processo de ensino aprendizagem, o professor deve considerar as diferenças que marcam as duas modalidades e verificar possibilidades de interpretação das estratégias de oralidade e de escrita utilizadas nos diferentes tipos de textos, buscando descobrir com os alunos, quando ocorrem e por que ocorrem, assim as atividades de produção oral e escrita certamente servirão para levar o aluno a adquirir a necessária autonomia sobre o que ele fala ou escreve.

Assim as atividades didáticas que envolvem a conversação, as dramatizações, os relatos e histórias, a transformação e reconstrução de textos e o acesso aos mais variados gêneros textuais tornam-se eficientes procedimentos para o efetivo aprendizado do uso da linguagem. O professor por sua vez, deve ter consciência de seus limites e que, deve sanar suas dificuldades, buscando novas informações que fundamentem e reformulem sua prática docente para assim garantir o sucesso desse trabalho.

Com base nisso, o ensino de língua deveria partir do que se fala, da compreensão do processo de variação e mudança da língua, para então se

direcionar ao ensino da fala em norma padrão e ao da escrita, em todas as suas variantes.

Acredito que, a partir do momento em que o professor criar condições e metodologias específicas ao estudo do texto oral, vivo, audível e contextualizado, essa modalidade de língua adquirirá, o mesmo respeito e prestígio que o texto escrito adquiriu no âmbito escolar e na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé, **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares pra o Ensino Médio: linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais de: Língua Portuguesa. Ensino Fundamental 3º e 4º ciclos**. Brasília: MEC/SEF,1998.

ELIAS, V. M.(Org.) **Ensino de língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.

FÁVERO, Leonor Lopes, ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O e AQUINO,Zilda Gbaspar de Oliveira. **Oralidade Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 6º Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GERALDI, João Wanderley (Org.) **O texto na sala de aula** / João Wanderley Geraldi organizador; Milton José de Almeida... [et al.]. 4ª ed. – São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Atividades de compreensão na interação verbal**. In: **Estudos de língua falada: variações e confrontos** (org.Dino Preti). São Paulo:Humanitas/FFCH/USP,1998).

MARCUSHI, L. A. **Da Fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2000.